

HÉCTOR ABAD

Angosta

A cidade do futuro

Tradução

Rubia Prates Goldoni



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2004 by Héctor Abad Faciolince
Publicado mediante acordo com Literarische Agentur Mertin Inh. Nicole Witt e. K.,
Frankfurt am Main, Alemanha

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Angosta

Capa

Celso Longo

Foto de capa

DR/ Osamu Murai/ Plano de renovação do distrito Tsukiji em 1964, de Kenzo Tange.
Todos os esforços foram realizados para contatar o fotógrafo. Como isso não foi possível,
teremos prazer em creditá-lo, caso se manifeste.

Preparação

Ciça Caropreso

Revisão

Adriana Bairrada

Isabel Jorge Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Abad, Héctor.

Angosta : a cidade do futuro / Héctor Abad ; tradução de Rubia Prates Goldoni. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

Título original: Angosta.

ISBN 978-85-359-2644-6

1. Ficção colombiana I. Título.

15-07800

CDD-C0863

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura colombiana

C0863

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Abriu o livro no meio e o aproximou do rosto.* Enfiou o nariz em suas dobras como quem o enterra entre as pernas e as dobras de uma mulher. Cheirava a papel úmido, a poeira acumulada e a casca de árvore. Voltou a fechá-lo e o afastou até que seus olhos distinguiram na capa uma aquarela do Salto. Comparou o

* Quem? Jacobo Lince: 39 anos, 78 quilos, 1,75 metro de altura. Nariz reto, rosto simétrico. Moreno de sol (ou por causa de um antepassado africano, vai saber) e com profundas rugas de expressão na testa, em volta dos olhos e da boca, principalmente nas linhas do riso. Tem algo de juvenil na aparência, apesar da idade e da barriga incipiente, que procura domar com exercícios físicos. Braços fortes, barba cerrada de turco e pele lisa, seca, quase sem pelos no resto do corpo. Mora sozinho numa suíte do hotel La Comedia. Divorciado. Tem uma filha de nove anos, a única pessoa que ele realmente ama, mas de quem fala pouco. Ganhava a vida com um sebo, La Cuña, escrevendo para um jornal e dando aulas de inglês. Agora ficou rico, mas quase ninguém sabe disso, e continua vivendo como se não fosse. Não acredita em nada de transcendental, pois faz tempo que trocou a religião pelo sexo. Para ele não é o espírito, e sim o desejo, o que sopra em toda parte. Há alguns anos suas relações têm sido sempre carnais, nunca sentimentais. Tenta comer (em Angosta, é esse o verbo que os machos usam para dizer o que fazem quando copulam) todas as mulheres que conhece e que pode, desde que cheirem bem e exibam sinais exteriores de fertilidade, o que não quer dizer que queira engravidá-las: há anos fez uma vasectomia.

Salto da pintura ao Salto da realidade. Não se pareciam mais. Os mesmos olhos focalizaram as letras do título e o nome do autor. Era um breve tratado sobre a geografia de Angosta, escrito por um obscuro acadêmico alemão. Viu a dedicatória (familiar) e não entendeu a epígrafe (em latim). Deu uma olhada no sumário, pulou o prefácio e chegou a esta página, a primeira, que seus olhos começam a ler neste instante:

Existe um território no extremo noroeste da América meridional que vai do oceano Pacífico ao rio Orinoco, e do rio Amazonas ao mar das Antilhas. Ali a cordilheira dos Andes, exausta depois de percorrer mais de sete mil quilômetros desde a Terra do Fogo, abre-se como uma mão até que a ponta de seus dedos mergulha no Atlântico com uma última rebeldia de quase seis mil metros de altitude: a Serra Nevada. Por entre os dedos da estrela de cinco pontas dessa mão correm seis rios importantes: o Caquetá e o Putumayo, que fluem para o Brasil e deságuam no Amazonas; o Patía, que, caudaloso e encanado, busca o oceano Pacífico; o Atrato, que recebe as constantes chuvas das selvas do Chocó para lançá-las no golfo de Darién; e dois rios paralelos e gêmeos, o Yuma e o Bredunco, que seguem para o norte até unir suas águas e desembocar em Bocas de Ceniza, desaguadouro lamacento no mar do Caribe, depois de uma travessia de mil e quatrocentos quilômetros. Esse território é conhecido, há alguns séculos, pelo nome que a América inteira deveria ter, se a história do mundo não fosse uma sucessão de acasos absurdos: Colômbia.

Havia encontrado o livro à tarde, por acaso, numa mesa de La Cuña, a sua livraria. O título (apenas o nome de sua cidade, sem nenhum outro dado) não lhe dizia nada, mas, pelo que deduziu das primeiras frases, tratava-se de um estudo acadêmico escrito no estilo simples e minucioso dos professores. Jacobo es-

tava cansado de lirismo e de literatura, queria ler alguma coisa sem nenhum vestígio de ficção, sem afetação nem adornos, por isso apanhou o livro, num ímpeto de curiosidade, bem na hora em que deixava a livraria, sem se despedir de ninguém. Ao chegar à porta, olhou para o céu sem nuvens e teve a impressão de que a tarde ia ser ensolarada e quente. Distraído como sempre, não olhou para o sul, de onde vinham as nuvens e as chuvas. Por isso, de repente, enquanto caminhava devagar rumo ao hotel, com o livro na mão, foi surpreendido por trovões e pingos dispersos e grandes como pedras; uma daquelas típicas tempestades de fim de março desabou sobre Angosta. Para não se molhar muito, apertou o passo pelas tortuosas vielas do centro, enquanto procurava os beirais, colava o corpo às paredes e, como último recurso, cobria com o livro seus primeiros cabelos brancos. À medida que avançava, perseguia com os olhos quase todas as mulheres e se deu conta de que devia ser Quarta-Feira de Cinzas, pois viu uma mancha escura se desfazendo na testa de muitas delas. Fazia mais de vinte anos que ele não recebia esse *memento mori*, talvez a única cerimônia da religião de seus pais que ainda guardava algum encanto para ele: “Pois tu és pó e ao pó hás de voltar”. Pó. Não alma, não espírito ou carne que ressuscita, mas a verdade dura e seca: pó, poeira de estrelas, que é a substância de que todos somos feitos, sem a menor esperança de que o pó se reorganize até formar o ser humano único em que consiste cada um. Os pingos de chuva faziam a cruz dos cristãos — sim, agora ele a via também em alguns homens — se desmanchar em riachos escuros que desciam ameaçadores para os olhos, como se quisessem cegar os fiéis.

Quando chegou ao La Comedia, ficou feliz de poder ler e não precisar sair outra vez debaixo de tamanho aguaceiro. Assim que se fechou em seu quarto, resolveu fazer uma consulta no computador, aproximou-se da máquina, esticou o indicador pa-

ra ligá-la, mas conseguiu se conter a tempo. Depois de trocar a camisa molhada de chuva e fazer um café bem forte, sentou-se em sua poltrona preferida, de costas para a tênue luz da janela, no amplo aposento do segundo andar que aluga há anos. Com uma expressão que não denota prazer nem desprazer, continua lendo a descrição que o geógrafo, um tal de Heinrich v. Guhl, faz dessa terra onde fica Angosta:

No meio da cordilheira Central, ou do Quindío, isto é, na metade do dedo médio dessa mão em que os Andes terminam, ainda longe do mar, terra adentro, nessa faixa do trópico andino em que a altura das montanhas suplanta o calor e o excesso de umidade, há uma vasta extensão coberta de cafezais. Ali a zona tórrida, atenuada pela altitude, produz uma temperatura monótona porém agradável; não há secas prolongadas nem chove em demasia, não é castigada por furacões nem sofre com erupções vulcânicas, a terra é fértil, a vegetação rica e exuberante, a intensidade da luz incomparável, as espécies de animais numerosas e mansas com o homem.

A capital desse curioso lugar da Terra chama-se Angosta. Com exceção do clima, que é perfeito, tudo em Angosta é ruim. Poderia ser o paraíso, mas se transformou num inferno. Seus habitantes vivem num lugar único e privilegiado, porém não se dão conta disso nem cuidam dele. O lugar foi uma aldeia modorrenta e quase arcádica por três séculos; depois, de repente, em menos de cinquenta anos, cresceu tanto que já não coube na bacia das várzeas e dos primeiros contrafortes da cordilheira. No vale temperado e fértil onde foi fundada, já não resta nem sinal da mata nativa, de pastos ou cafezais. Hoje o território inteiro é ocupado por uma metrópole de ruas intrincadas, prédios altos, fábricas, centros comerciais e milhares de casinhas cor de tijolo que se encaramitam pela encosta das montanhas, cada vez mais perto de Tierra Fría, ou se precipitam pelas ribanceiras que vão dar em Tierra Caliente.

Quando a família cresce e os filhos se casam, os habitantes de Angosta jogam uma laje de concreto por cima do telhado da casa e constroem de improviso um segundo ou terceiro andar. O mesmo ocorre com a cidade, por falta de espaço; agora ela tem três andares, com um terraço em Tierra Fría e um porão úmido em Tierra Caliente.

Dizem que o nome de Angosta foi dado por seus fundadores, quando, da crista do altiplano, avistaram o vale longo e estreito. Pelo meio do vale corria um rio revoltoso e genioso, com uma corrente de redemoinhos vorazes, com meandros e dúvidas em seu curso caprichoso, que no inverno transbordava e no verão revelava o que era de verdade no fundo: uma pobre quebrada com pretensões de rio, de enormes pedras cinza, polidas e abraçadas pela corrente suja. Chamaram-no de rio Turbio não tanto por causa de suas águas sempre turvas, mas por sua índole indecisa e traiçoeira. Hoje isso não se nota, porque seu leito foi corrigido e canalizado em meados do século xx, mas até essa época as várzeas ocidentais (agora cheias de fábricas) acabavam sempre alagadas com as chuvas de março ou abril.

Jacobo interrompe a leitura por um momento, põe o dedo indicador entre as folhas, levanta-se e olha pela janela. Está chovendo lá fora, como no livro. Ao fundo, no alto, vê-se a crista irregular do altiplano, uma borda azulada encoberta pela garoa, com a sombra à contraluz de algumas árvores. Tenta calcular de onde os conquistadores podem ter avistado o vale de Angosta e como ele devia ser antes, sem prédios, sem casas, sem barulho, com muito pouca gente, quase sem fumaça e quase sem plantações. Volta a se sentar e abre o livro onde o dedo indica. Ele mesmo não sabe, mas, quando abre o livro e mergulha nas palavras, é uma pessoa feliz, ausente deste mundo, embebida em algo que, embora fale de sua cidade, não é neste momento sua

cidade, mas outra coisa melhor e mais tratável, uma porção de palavras que tentam representá-la.

No fundo setentrional do vale, o rio se espreme entre dois muros de rochas afiadas como serras e termina seu curso abruptamente no Salto de los Desesperados. O Salto é uma cascata que se precipita por pouco menos de mil varas castelhanas, com longas quedas e breves pausas, tão vertiginosa e vertical que em sua base, onde as águas se rompem definitivamente e se escondem entre orvalho e espuma, a vegetação muda porque o clima já é outro, o sol se encarniça e a umidade se adensa, fazendo com que o ar adquira a consistência pesada e insalubre de Tierra Caliente. O Turbio acaba ali, com um suicídio, sem desembocar em lugar algum, sem dar no mar nem ser afluente de ninguém. É literalmente tragado pela terra, como se esta fosse feita de esponja. Sabe-se que por ali há cavernas, e é possível que uma parte do Turbio siga por um leito subterrâneo, pois ao lado da gruta dos Guácharos, não muito longe do Salto de los Desesperados, há água enterrada que flui devagar.

Desde tempos imemoriais, a base do Salto é conhecida como Boca del Infierno, por causa da voracidade sedenta com que, como um vulcão às avessas, engole a água sem devolvê-la, deixando suspenso no ar, num vasto espaço a seu redor, um orvalho que se deposita lentamente nas folhas das samambaias e das canas-dorrio, um pouco de espuma suja entre as pedras e um imenso cogumelo de névoa espessa, da cor do leite, que começa a se condensar no ocaso e só se dissipa por instantes, com intervalos incertos, por volta do meio-dia. Boca del Infierno também foi um nome imposto por motivos religiosos, como uma reprimenda à multidão de suicidas que, no século passado, escolhiam o Salto como o lugar ideal — porque infalível — para acabar voluntariamente com a própria vida. O golpe definitivo contra as pedras da

morte coincidia com a entrada no Averno, destino inelutável de todos os suicidas, segundo nossa amorosa religião verdadeira. Conta uma lenda angostenha que todos os suicidas, ao cair, se transformam em arbustos ou seixos e depois em árvores, pássaros ou pedras. Essa intuição poética provavelmente obedece ao fato incontestado de que ali é impossível resgatar os corpos.

Lince ergue os olhos e pensa nos suicidas. Se ele resolvesse se suicidar, diz a si mesmo, não o faria no Salto. Eu me daria um tiro. Ou, melhor ainda, faria com que me dessem um tiro, o que aqui é muito mais fácil e mais barato. Poria um anúncio no jornal: “Procuro pistoleiro que queira me matar. Honrosa (ou polpuda, ou pelo menos razoável) recompensa”. E deixaria o telefone do La Comedia para firmar o contrato. Na verdade, ninguém mais se suicida no Desesperados, mas nem por isso o lugar perdeu sua aura de desgraça. Agora o Salto é o que em Angosta se conhece como “desovador de cadáveres”. Primeiro matam as pessoas com um tiro e depois as rematam atirando-as no Salto. Elas virarão pó ou pedras; é pouco provável que brotem até virar árvores ou que alcem voo como pássaros.

De repente volta a sentir a necessidade urgente de confirmar algo e, sem se conter mais, se levanta. Olha para a tela escura, apagada e para a testemunha luminosa que tremula ao lado das teclas com um leve brilho verde. Torna a se sentar num último esforço para se controlar, como quem reprime um tique ou espanta um pensamento ruim, mas alguma coisa por dentro o obriga a ficar em pé e ir até o computador. Não consegue evitar. Aperta uma tecla e a tela acorda. Pressiona com raiva o botão do mouse e o ícone do navegador, procura o endereço entre seus favoritos, preenche os números que sabe de cor, segue as instruções que sabe de cor, digita de cor, a toda a velocidade, os algarismos de sua senha, e por fim vê aparecer na tela a resposta que

é como a primeira tragada para um viciado: “Bem-vindo, Jacobo Lince. Banco de Angosta. Posição global. Conta pessoal em divisas. Saldo disponível: \$1044624”. Lince sorri satisfeito. Fica tentado a consultar também seu e-mail, mas consegue se controlar.

Respira fundo, clica no ícone da saída segura, volta para sua poltrona, baixa os olhos e retoma a leitura:

Os fundadores da cidade eram quase todos espanhóis: bascos, estremenhos, andaluzes ou castelhanos, mas também judeus convertidos e mouriscos disfarçados. Na maioria, chegaram do Velho Mundo sem mulher, com a ilusão de fazer a América e voltar ricos para a Península, mas uma vez aqui, embrenhados nestas matas, por mais que procurassem o Eldorado, jamais conseguiram encontrá-lo. O ouro e as riquezas nunca foram do tamanho dos seus sonhos, e quase todos tiveram que ficar a contragosto, amasiados com índias raptadas nos assentamentos, amigos com gregas e sicilianas trazidas à força por traficantes de brancas do Mediterrâneo, ou amancebados com africanas compradas como escravas em Cartagena das Índias, o maior porto negreiro do Caribe. Seus descendentes que tiveram melhor sorte, mestiços e mulatos como todos, mas com pretensões de fidalguia pela riqueza acumulada, receberam, como era o costume, o título de *done*s e foram morar em Tierra Fría, no terraço de Angosta, um planalto grande e fértil chamado Paradiso. No estreito vale de Tierra Templada, onde havia uma *encomienda** de índios mansos, ou pelo menos amansados, ficaram os *segundones*, casta intermediária que se debate entre o medo de ser confundida com a dos *tercerones* e a ambição de um dia merecer o título de *don*. Às margens do Turbio medraram

* Nas antigas colônias espanholas, aldeamento indígena entregue à responsabilidade de uma pessoa — o *encomendero* — que obtinha do vice-reinado a permissão de explorar a mão de obra da comunidade em troca de instrução católica e proteção militar. (N. T.)

rebanhos de gado branco com orelhas pretas, e os *segundones* plantaram — além de café — milho, feijão e banana. Na base do Salto de los Desesperados havia minas de aluvião, de ouro e platina, mas os índios não queriam trabalhar ali, por causa do clima ruim e da inevitável malária. Por isso os *dones* compraram escravos africanos e a base do Salto foi então povoada por uns poucos donos de minas, muitos mineiros negros e alguns tantos trabalhadores braçais que se encarregavam da cana-de-açúcar e dos engenhos. Assim, com o passar das décadas e dos séculos, Angosta foi se transformando no que é hoje: uma estreita cidade de três andares, três povos e três climas. Abaixo, em Tierra Caliente, em torno do Salto de los Desesperados e da Boca del Infierno e nas encostas que sobem para Tierra Templada, há milhões de *tercerones* (esgotadas as minas, os *dones* voltaram a Tierra Fría, conservando de baixo apenas os títulos de propriedade das fazendas); no vale do Turbio e nas primeiras colinas se amontoam centenas de milhares de *segundones*; e acima, no planalto de Paradiso, refugia-se a escassa casta dos *dones*, numa aprazível cidade bem planejada, limpa, moderna, infiel e às vezes fiel imitação de uma urbe do Primeiro Mundo engravada num canto do Terceiro.

Os *dones*, a esta altura, não constituem uma raça, nem seu nome é um verdadeiro título de nobreza, mas a forma tradicional como em Angosta se referem aos ricos. Não corresponde a um critério étnico, porque entre os *dones* há brancos, mestiços, mulatos e até alguns poucos negros. Como disse um historiador de Angosta, “aqui todos somos café com leite; alguns com mais café, outros com mais leite, mas os ingredientes são sempre os mesmos: Europa, América e África”. Quando os espanhóis fundadores, esgotadas as minas, voltaram ao vale do Turbio ou a Tierra Fría, no final do século XIX, as segundas ou as terceiras gerações de descendentes é que haviam se misturado com escravas de Tierra Caliente, e o espanhol ficava mais no sobrenome e no orgulho do que na falta de melanina, ou às vezes em algum acidente genético de

olhos azuis em pele morena. Os donos dos rebanhos do vale também se juntaram com as índias, o que, entre filhos legítimos e naturais, embaralhou bastante a consistência étnica dos grupos até torná-la indiscernível mesmo aos olhos de especialistas. Há brancos, negros, índios, mulatos e mestiços em todos os setores de Angosta, entre os *dones*, os *segundones* e os *tercerones*. A única classificação certa que se poderia fazer consiste em que a maioria dos *tercerones*, ou *calentanos*, vive em Tierra Caliente (e seus habitantes, por mais brancos que sejam, são considerados negros ou índios), a maioria dos *segundones*, ou *tibios*, vive em Tierra Templada (e nunca são brancos, nem índios, nem negros de verdade) e a maioria dos *dones* em Tierra Fría (e por mais negros, índios ou mestiços que sejam, sempre são chamados de brancos e se consideram brancos, julgando negros e índios todos os demais).

Jacobo observa suas mãos e seus braços. Move os lábios para falar, mas não diz nada; apenas pensa em uma pergunta: de que cor eu sou? Na verdade, ele não sabe: café com leite, o leite dos Wills, de seu bisavô irlandês, e o café forte dos Lince de seu pai mais outras misturas tintas ou desbotadas de sua mãe. É um *segundón* de nascimento, de acordo com a nomenclatura que há tempos foi se impondo em Angosta, mas poderia muito bem ser um *don* e viver em Paradiso, se quisesse. Pelo menos é isso que todo dia lhe confirma seu saldo em dólares na agência virtual do Banco de Angosta. Esse simples pensamento o enche ao mesmo tempo de calma e de raiva, então coça a cabeça com impaciência, pois nele as ideias incômodas se transformam em brotoejas que pipocam no couro cabeludo.

São três da tarde dessa chuvosa Quarta-Feira de Cinzas. No Check Point, às portas de Paradiso, um chinês examina com atenção o passe provisório de um rapaz *segundón* de boa aparên-

cia,* metido num terno sem dúvida emprestado, porque as mangas são tão compridas que lhe cobrem as mãos, e a calça dança em sua cintura. Como não usa cinto, a calça tende a cair. Quando sente a incômoda comichão do tecido áspero escorregando pela pelve e roçando-lhe as nádegas, é obrigado a puxá-la na cintura com as mãos, num gesto rápido de exasperação impossível de dissimular.

— Qual é o motivo de sua visita a Paradiso, sr. Zuleta? — pergunta um chinês com uniforme de guarda de fronteira, espécie de macacão fechado cor de anil.

— Tenho uma entrevista de trabalho na Fundação H, na rua Concordia, número 115.

— Sim, está aqui. A que horas pensa em sair do Sektor F?

— Não tenho certeza; hoje mesmo, quando a entrevista acabar, no fim da tarde.

— O senhor é *segundón*, não é?

— Sou, é como somos chamados.

— Tem amigos ou parentes em Tierra Fría?

— Não que eu saiba.

— Escreva aqui seu endereço e o nome de seus pais. Ponha o sobrenome de solteira de sua mãe. Alguma vez se dedicou a atividades terroristas ou pertenceu a grupos declarados ilegais pelo governo?

* Andrés Zuleta: 25 anos, 66 quilos, 1,77 metro de altura. Magro, pálido, de sobrancelhas pretas bem delineadas. Rosto meigo e de olhos grandes, negros, intensos, com olheiras fundas, e uma fileira de dentes perfeitos que enfeitam seu sorriso. O corpo é esguio e musculoso, mas, a despeito de tantas qualidades, nota-se que é inseguro, desajeitado. Apesar da idade, ainda é virgem, embora se masturbe regularmente, pensando em obscuros objetos do desejo. É poeta, andarilho, bom leitor e não lhe falta disciplina, embora nunca tenha tido um emprego fixo. Tem ideias vagas sobre tudo e pouquíssimas convicções firmes. Ele ainda não sabe, mas hoje mesmo deixará a casa dos pais.

- Não, senhor.
- E algum parente próximo?
- Não.
- Tem alguma doença infectocontagiosa, aids, malária, febre amarela, tuberculose, sífilis, hepatite B, gonorreia?
- Não.
- Tem algum distúrbio mental, consome drogas ou é dependente de alguma substância ilícita?
- Não.
- Pretende ficar ilegalmente em Tierra Fría?
- Claro que não.
- Já esteve preso alguma vez?
- Na minha casa.
- Não brinque, senhor. Alguma vez foi preso devido a algum delito ou escândalo moral?
- Não, senhor.
- Já lhe foi negado o salvo-conduto para entrar em Tierra Fría?
- Não.
- Carrega mais de dez mil pesos novos, dólares ou euros?
- Quem me dera.
- Responda sim ou não.
- Não. — Ao dizer “não”, Andrés sente a calça caindo e a puxa para cima com fúria.
- Tenta levar para o Sektor F drogas alucinógenas, explosivos ou qualquer tipo de substâncias proibidas?
- Nem pensar.
- Repito-lhe: limite-se a dizer sim ou não!
- Sim. Quer dizer, não.
- Esteve alguma vez envolvido em operações de espionagem, terrorismo ou sabotagem?
- Não.

— Aproxime a cabeça, por favor.

O guarda pegou um termômetro e o encostou na testa de Zuleta. Esperou alguns segundos, o aparelho emitiu um bipe e o chinês observou cuidadosamente o resultado. Registrou um número, 37,2, na permissão de entrada. Depois disse, enquanto carimbava o salvo-conduto:

— O.k., pode ir. Não se esqueça de entregar este passe quando sair. *Welcome to Paradise*.

Andrés já estivera outras vezes no Sektor F, mas sempre de passagem, em visitas do colégio. Às vezes as escolas de Tierra Templada conseguem permissões provisórias para que seus alunos possam conhecer as maravilhas de Paradiso. Fazem excursões de um ou dois dias e visitam os monumentos, os museus, os parques de diversões, a reserva nacional de *frailejones*, na chapada do Sojonusco, os picos nevados e as lagoas encantadas das geleiras do maciço central. “Um dia, se alguns de vocês se comportarem direitinho e estudarem muito, também poderão viver aqui”, disse a professora. “Farão parte dos eleitos, serão *dones*, e talvez se lembrem da professora que um dia previu o futuro de vocês.”

Jacobo estica as pernas e suspira; depois boceja, pisca, cutuca a orelha com o dedo mindinho. Coloca um pedacinho de papel-alumínio entre as folhas do livro e vai ao banheiro aliviar a bexiga; de olfato muito apurado, reconhece no cheiro os traços do almoço: aspargos. Quando acaba de urinar, vai até o criado-mudo e telefona para a casa de sua ex-mulher, em Paradiso. A empregada atende e lhe diz que *doña* Dorotea* saiu faz algum

* Dorotea Mallarino: 33 anos, 62 quilos, 1,73 metro de altura. Foi casada com Jacobo Lince e recentemente contraiu segundas núpcias com Bruno Palacio, conhecido arquiteto de Tierra Fría. Sofía Lince, nove anos, é a filha que Jacobo e Dorotea tiveram durante seu breve casamento.

tempo com o doutor, não sabe se para fazer compras ou alguma visita. Jacobo também pergunta por Sofia, sua filha, e a empregada lhe diz que a menina também saiu com os patrões. Jacobo volta então à poltrona, de costas para a janela, e torna a abrir o livro com a descrição de sua cidade:

Há trinta e dois anos, Angosta deixou de ser uma cidade aberta; ninguém está autorizado a se deslocar livremente por seus vários andares. De início essa regra era tácita e cada casta permanecia em seu gueto, mais por hábito ou cautela do que por obrigação. Mas quando os atentados terroristas aumentaram, no final do século passado, as tropas dos países garantes isolaram a zona, e a cidade foi dividida, com nítidas fronteiras, em três partes: o Sektor F, correspondente ao plano de Paradiso, em Tierra Fría, com trânsito restrito; o Sektor T, o verdadeiro centro de Angosta, ao longo do estreito vale do Turbio, na antiga zona cafeeira; e o Sektor C, em algumas encostas da margem ocidental do rio, em Tierra Templada, mas principalmente ao pé e ao redor do Salto de los Desesperados, em Tierra Caliente. As letras desses sektores (o “k” se impôs por causa da ortografia de um dos exércitos de intervenção) correspondem a *Frío*, *Templado* e *Caliente*, mas as pessoas os conhecem apenas pela inicial.

A circulação entre Tierra Caliente e Tierra Templada, em ambos os sentidos, não é controlada e poderia ser chamada de livre, por isso a fronteira entre os sektores C e T é mais porosa, menos impermeável; é pouco usual, porém, que os habitantes do Sektor T desçam até a Boca del Infierno, e se isso não acontece não é por explícita proibição do governo, e sim por puro medo ou precaução dos *segundones*. O acesso ao Sektor F, em compensação, é absolutamente restrito e, além da muralha natural das montanhas, Paradiso é isolado por uma *obstacle zone*, ou zona de exclusão, que consiste numa barreira de grades, alambrados, tri-

lhas de pegadas, cercas eletrificadas, sensores eletrônicos e um sem-fim de torres de vigilância com guardas que podem atirar nos intrusos sem aviso prévio. Por terra (seja de ônibus, de metrô, de bicicleta ou de carro) há um único acesso a Paradiso, através do Check Point, um bunker subterrâneo operado por uma força de intervenção internacional, de maioria asiática (seus integrantes são conhecidos como chineses), com disciplina oriental e rigor germânico. No Sektor F só podem entrar sem nenhuma restrição seus residentes, quer dizer, os *dones*. Também é permitida a entrada aos *segundones* (em geral, funcionários) ou *tercerones* (quase todos operários contratados para trabalhos humildes ou empregadas domésticas) que tiverem salvo-conduto, isto é, autorização para entrar em Paradiso através do Check Point. Desnecessário dizer que os habitantes do Sektor F podem entrar ou sair livremente de todos os setores de Angosta, embora por desinteresse ou cautela raras vezes incursionem abaixo do seu local de residência. As repartições do governo e algumas indústrias ainda permanecem no vale, por isso muitos *dones* descem para trabalhar em Tierra Templada, mas sempre o fazem com escoltas e guarda-costas, em helicópteros ou em caravanas de carros blindados, por temor de ataques, medo de sequestros, angústia de atentado, e assim que a noite cai voltam sempre para dormir em Paradiso, em apressadas e temerosas viagens de regresso. Para a grande maioria dos que nasceram e vivem em Paradiso, passar uma temporada em Tierra Templada ou, pior ainda, dormir em Tierra Caliente é uma experiência-limite, uma autêntica aventura. Descer a essas zonas de Angosta, para eles, equivale a correr um risco inútil ou à insensatez pecaminosa que se comete em alguma noitada de drogas, loucura e bebedeira.

Os mais velhos sabem, e recordam, que antigamente as coisas não eram assim e que há algumas décadas todo mundo podia subir aos altos de Paradiso sem ter de mostrar nenhum salvo-condu-

to. Sabe-se que a zona de exclusão e o Check Point nasceram com o milênio, nos tempos dos atentados da guerrilha, sequestros em massa, massacres da Secur, acertos de contas entre quadrilhas de contrabandistas, explosões dos homens-bomba e narcotraficantes. Imaginava-se que a “política de Apartamento” (assim chamada no início) seria somente uma medida transitória de legítima defesa contra os terroristas, mas em Angosta o provisório sempre se torna definitivo, os decretos de exceção se tornam leis, e quando menos se espera já são artigos constitucionais. A cidade não se dividiu de um dia para o outro; em parte, já nasceu separada pela geografia e pela riqueza dos habitantes dos diferentes lugares. Os três níveis, ou os três andares da cidade, fizeram com que essa divisão ficasse mais clara e nítida que em outras partes do país e do mundo.

Pode-se dizer, sem medo de exagerar, que a cidade alta, considerada pelos *done*s uma nova Jerusalém em cuja ascensão...

O telefone toca e interrompe a leitura. Jacobo imagina que seja Dorotea, sua ex-mulher, que voltou e quer que ele fale com a filha ou quer combinar os dias de visita antes do feriado da Semana Santa. Ele sente falta de Sofía, que não vê há quinze dias por causa de contratempos tolos de última hora. Põe o papel-alumínio entre as páginas do livro e se levanta para atender. Não é Dorotea, mas Jursich,* um dos empregados do sebo, que lhe pergunta se por acaso não pegou um livro de um tal Heinrich Guhl que ele tinha deixado na mesa.

* Dionisio Jursich: 58 anos, 69 quilos, 1,81 metro de altura. Calvo como uma bola de bilhar. Na juventude foi editor de revistas, músico e humorista, mas o alcoolismo e a cocaína arruinaram sua vida. Depois de um longo período de reabilitação, conseguiu voltar a trabalhar, no sebo de Jacobo Lince, e isso foi um recomeço para ele. Tem uma memória prodigiosa e uma cultura livresca impressionante. Foi casado com uma grande editora, doce como mel, mas os vícios dele acabaram com a doçura dela e com o casamento deles. Tem dois filhos já adultos que voltaram para a Sérvia, terra de seus antepassados.